

# Centro de Estudos Baianos

---

MARIA DEL ROSÁRIO S. ALBÁN

## A IMIGRAÇÃO GALEGA NA BAHIA

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

104

31 de Outubro de 1983

# Centro de Estudos Baianos

---

---

MARIA DEL ROSÁRIO S. ALBÁN

## A IMIGRAÇÃO GALEGA NA BAHIA

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

104

Salvador, Bahia  
1983

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Albán, Maria del Rosário S.  
A imigração galega na Bahia / Maria del Rosário S. Albán  
— Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1983.  
33p. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação; 104)

1. Espanhóis na Bahia. 2. Imigrantes espanhóis — Bahia. I.  
Título. II. Série.

CDD - 325.246  
CDU - 325.2(46:981.42)

(Preparada pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA)

### Agradecimentos

*A publicação deste trabalho foi, totalmente, financiada por integrantes da comunidade espanhola da cidade do Salvador, a quem rendemos o preito da nossa mais sincera e profunda gratidão, particularizando o nosso penhor às seguintes pessoas. Entidades e/ou Firmas:*

*D. D. Cônsul da Espanha, Dr. Felix Valdés  
Ao Conselho Coordenador da Colônia Espanhola  
A Decorativa  
A Primavera  
Café América  
Dispensa Pery  
Funerária Brasília  
R. Gonzalez Companhia Ltda.  
S. A. Moinho da Bahia*

## **Apresentação**

*Emigrantes em relação à Espanha e imigrantes em analogia com o Brasil, os bravos habitantes da Galícia decidiram buscar as plagas baianas num processo de saída definitiva do seu país de origem e entrada em nossa terra, movidos por dificuldades de natureza econômica.*

*Aqui chegando, pouco a pouco, se amalgamaram com a gente baiana, assimilando-se sem maiores dificuldades à nova terra, adotando os modos de vida de seu povo, tornando-se, enfim, baianos sem deixarem de ser galegos.*

*Esta passagem histórica, importante para a compreensão da nossa cultura, é contada por uma mulher forte, nascida na Espanha e de nome inteiramente espanhol — a Prof.<sup>a</sup> Maria del Rosário Albán, autora dessa monografia que ora se publica. Feito e fato realizado pelo concurso de sua gente que, sentindo a importância de narrar a bela saga de que foram e são protagonistas, aquiesceram em colaborar com o Centro de Estudos Baianos da UFBA., oferecendo-lhe os recursos indispensáveis à realização deste importante desiderato.*

*Isto posto, cabe-me agradecer a tantos quantos nos propiciaram esta oportunidade, sonhada e expressa sob forma de artigo editado no Caderno Especial de A Tarde, em homenagem ao Rei Juan Carlos da Espanha, sob a epígrafe “Visão universitária dos espanhóis na Bahia”.*

*Desejo que ora se consubstancia neste número 104 da Série de Estudos Baianos, como forma de homenagear àqueles que, saindo um dia de sua pátria encontraram um novo país, onde não nasceram, mas foram acolhidos — com o amor “caliente” das terras tropicais.*

*Aqui, “no verde ninho murmuroso da eterna poesia” labutaram, venceram e se fizeram cidadãos brasileiros. São hoje nossos irmãos.*

*Consuelo Pondé de Sena*

*Salvador, 31 de Outubro de 1983.*

Apresentação

Emigrantes em relação a Espanha e Portugal e imigrantes em Portugal com o Brasil, os vários habitantes da Galícia decidiram reunir as páginas baixadas num processo de saída definitiva do seu país de origem e entrada em novo terra, movidos por dificuldades de natureza económica.

Após chegada, pouco a pouco, se amoldemam com a vida gallega, adaptando-se sem maiores dificuldades a nova terra, adaptando os modos de vida de seu país, tornando-se, logo, nos seus hábitos de seu país.

Esta passagem histórica importante para o conhecimento da nossa cultura, é contada por uma mulher forte, nascida em Espanha e de nome extremamente espanhol — a Prof. María de los Angeles Albalá, autora desta monografia que ora se publica. Fala e fala redobrado pelo concurso de sua mente que, sentindo a importância de manter a memória de que foram e são protagonistas, agrupa os seus em colaboração com o Centro de Estudos Gallegos da UFRJ, oferecendo-lhe os recursos indispensáveis a realização desta importante obra.

Logo depois, sabe-se agradecer a tantos quanto nos ajudaram com esta oportunidade, senão a expressão sob forma de artigo publicado no Caderno Especial de A Terra em homenagem ao Sr. Juan Carlos de Espanha, sob o epígrafe "Vejo emigrados dos espanhóis na Bahia".

É preciso que não se consubstancie neste número 104 da revista de Estudos Gallegos como forma de homenagem apenas um episódio em que de sua parte encontraram um novo país onde não aconteceram, mas foram acolhidos — com o amor, carinho das letras gallegas.

Após, não sendo mais necessário da ciência poética, mas foram, benévola e se fizeram cidadãos brasileiros. São hoje nos seus países.

Guimarães, Junho de 1982

Sobador, 31 de Outubro de 1982



*En Galiza non se pide nada. Emígrase.*

In: CASTELAO, A. Daniel M. R.  
Nós. Madrid, Akal, 1975.

## I A GALIZA E A EMIGRAÇÃO

A emigração galega não é fenômeno recente e parece estar diretamente relacionada com a estagnação econômica da Galiza<sup>(1)</sup>. O tratamento discriminatório que sofreu a região por parte do poder central através dos séculos e a conservação, sem alterações substanciais, desde a Idade Média, de um regime de base feudal quanto à posse da terra — relação foral entre “labregos” e senhores — constituíram as duas principais causas da decadência da Galiza. As grandes propriedades pareciam estar indefinidamente nas mãos de corporações eclesiásticas (que também sustinham o domínio jurisdicional) e de grandes senhores ausentes, em geral estabelecidos na corte. É verdade que havia circulação de parte da terra, porém por meio de heranças e desmembramentos sucessivos<sup>(2)</sup>, ocasionando o aparecimento do minifúndio que até hoje caracteriza a distribuição da terra nas aldeias galegas.

Ora, essa situação impediu, na verdade, que se desenvolvessem, paralelamente ao crescimento demográfico, as condições favoráveis à expansão agrícola que garantiria o abrigo e a subsistência da gente galega.

A emigração galega se caracteriza, pois, como um ato de decisão em busca da sobrevivência. Não é mera coincidência que o êxodo emigratório se tenha intensificado na segunda metade do século XIX<sup>(3)</sup>, pois o período que vai de 1853 a 1861 se caracterizou pelo aumento da mendicância nas cidades, conforme testemunham autores literários da época<sup>(4)</sup> e os próprios jornais da região como, por exemplo, *El Correo de Lugo*<sup>(5)</sup>.

(01) As informações aqui contidas baseiam-se nas fontes citadas ao longo do artigo — inicialmente capítulo de um estudo de natureza lingüística desenvolvido pela Autora como Dissertação de Mestrado, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Myrian Barbosa da Silva, realizado na Universidade Federal da Bahia em 1979 —, bem como na tradição oral do grupo e nas atitudes dos 40 integrantes da amostra que forneceram o material lingüístico, sem a cooperação dos quais teria sido impossível a realização dessa pesquisa.

(02) Assim se expressa o ferrolano José Alonso Lopez y Nobal, que viveu na segunda metade do século XVIII. Cf. G. DEL ARROYO, F. Dopico. José Alonso López, liberal e crítico das instituições do Antigo Réxime. *Grial*, (61): 263-4, 1978.

(03) O período compreendido entre 1861 e 1914 foi o que atingiu o índice mais elevado de êxodo emigratório. Cf. *Gran Enciclopedia Gallega (GEG)*. Santiago, Silvério Cañada. 1974. v. 2, p. 48.

(04) Por exemplo, existe de Rosalía de Castro um longo depoimento do que aconteceu então em Santiago. In: *ibid.*, verbete *Ano da fame*, v.2, p. 99.

(05) Cf. RODRIGUEZ GALDO, Ma. Xosé & G. DEL ARROYO, Fausto do Pico. A crise do viñedo a mediados do s. XIX e os problemas da monetización da economia galega. *Grial* (62): 395, 1978.

O ano 1853 ficou conhecido como o *Ano da Fome* em consequência das chuvas catastróficas que tinham provocado inundações, sérias perdas nas colheitas, febres epidêmicas na população e uma série de pragas na lavoura. Os lavradores, abandonados à própria sorte, sem perspectivas de um auxílio efetivo por parte do poder central, sem medidas que os isentassem das rendas devidas aos proprietários intermediários ou que os livrassem dos foros devidos às corporações e dos tributos com que os sobrecarregava a administração municipal, viram-se, muitos, forçados a alienar a pouca terra que possuíam — as suas “veigas” — a fim de pagar as rendas que lhes exigiam os proprietários.

O caminho de ultramar se lhes oferece como solução e a escolha do porto-destino na América parece estar intimamente relacionada com as vantagens econômicas de alguma monocultura florescente, como foi o caso da borracha no Amazonas, e com a existência de algum núcleo pioneiro de conterrâneos relativamente bem sucedidos, como parece ter sido o caso dos que hoje vivem na Bahia <sup>(6)</sup>, conforme se infere das respostas obtidas dos integrantes da amostra referida nas notas 1 e 17.

A busca de oportunidades econômicas mais favoráveis parece ser a meta de todo galego que abandona o campo. Esse povo, ideologicamente submetido à posição de seus senhores, não só aceita como fatalidade a baixa produtividade das terras que continua a lavar, fazendo uso das mesmas técnicas de seus antepassados (porque despreza, por desconfiança, os métodos modernos mais produtivos), mas chega mesmo a considerar como uma predisposição étnica a decisão extrema que assumem pressionados por causas externas à etnia — evidentemente — mas que têm levado sucessivas gerações de galegos à emigração <sup>(7)</sup>. Desse modo, raras foram as ocasiões em que souberam e puderam lutar por melhores condições de vida para si próprios <sup>(8)</sup>.

Se considerarmos que, numericamente, a corrente emigratória galega corresponde, em média, a “quase a metade do total de emigrantes espanhóis” ao longo dos cinco séculos desde a centralização do poder em Castela pelos reis Fernando e Isabel e que persiste até hoje uma tendência muito acentuada para o retorno à Galiza e consequente reintegração ao seu *habitat* primitivo, movidos pelas “soidades” (sentimento que tão bem caracteriza o comportamento afetivo dos galego-portugueses), poderemos avaliar as pressões econômicas que teria sofrido esse povo que se crê predestinado à aventura, por ser essa a única explicação que concebe diante da ilogicidade da injustiça social de que foi vítima. Diante de tal situação parece ironia falar de “espon-

<sup>(6)</sup> Não se conseguiu penetrar na história do grupo até o ponto de encontrar os motivos que teriam levado os pioneiros a essa escolha.

<sup>(7)</sup> Na área de onde procedem nossos informantes não se tem notícias de movimentos coletivos reivindicatórios. Embora seja a passividade o que caracteriza neste sentido o campesinato galego, cumpre destacar o Agrarismo Galego que se manifestou no começo do séc. XX por meio de campanhas que se centralizaram nas cidades de Vigo, Coruña e Pontevedra. Cf. *GEG*, v.6, p. 205, v. 1, p. 142.

<sup>(8)</sup> Cf. *ibid.*, v. 2, p. 47.

taneidade” como uma característica do movimento emigratório para a América só por não ter sido dirigido oficialmente.

Nos nossos inquiridos, alguns informantes repetiram o estereótipo de “ser destino de todo galego emigrar” ou “é próprio da raça ser aventureiro”, quando se lhes perguntou pelas razões que os levaram a transladar-se para a Bahia.

Mas, segundo os motivos levantados por Célia Maria Leal Braga em recente pesquisa, *Os espanhóis em Salvador* <sup>(9)</sup>, na sua amostra de 343 espanhóis dos quais 96,4% são galegos, 45,5% declaram que vieram “para trabalhar”, 15,7% vieram “acompanhando a família” e 21,3%, “a chamado de parentes”, motivos que podem ser englobados no mesmo fator fundamental — a busca de melhorias de ordem econômica — em torno do qual se curvam imperiosamente todos os membros da família num ato que nos parece resultar antes de pressões externas do que de uma decisão “espontânea” do indivíduo <sup>(10)</sup>.

## II A BAHIA, O DESTINO

Datam da segunda metade do século XIX as primeiras referências da tradição oral <sup>(11)</sup> à corrente migratória Galiza-Bahia, referências que coincidem, quanto à datação, com os dados divulgados pela pesquisa *Os espanhóis em Salvador* a que nos referimos há pouco.

O período entre 1861 e 1919, embora com algumas lacunas, é segundo a autora, o que apresenta documentação mais regular. Segundo os Livros de Registro de Nacionalidade existentes no Consulado Espanhol, que ela consultou, se teriam fixado na Bahia durante esse período 2.035 espanhóis. Os dados sobre os períodos seguintes são muito omissos e os “dos censos (...) são bem falhos e sem homogeneidade”. Por essas razões, declara a autora não ter sido “possível sequer determinar o número exato de espanhóis existentes em Salva-

<sup>(9)</sup> Trata-se de uma análise sociológica das possibilidades de assimilação de um grupo de imigrantes. Cf. BRAGA, Célia Maria Leal. *Os espanhóis em Salvador*. Salvador, UFBa. 1972. Mimeog.

<sup>(10)</sup> “Espontâneo” é um termo da Sociologia que nos parece estar a requerer uma revisão. A emigração galega para a América está classificada na *GEG* como “espontânea”, do mesmo modo que C.M.L. Braga considera a imigração de Salvador. Cf. *GEG*, v. 2, p. 48 e BRAGA, op. cit., p. 36.

<sup>(11)</sup> Estamos chamando assim tudo que conseguimos apurar através dos inquiridos ou de contactos paralelos levados a cabo durante a busca de informantes, além das informações que nos foram transmitidas por nossos antepassados.

dor''(12), e nós acrescentaríamos que nem sequer o número aproximado, pelo que conseguimos apurar a respeito.

Dez anos após a pesquisa citada sobre os espanhóis em Salvador, agora, quando nos interessava saber o tamanho de uma parcela, a galega, por sinal a mais numerosa da população de nacionalidade espanhola estabelecida na Bahia, não fomos mais felizes. Nem o Consulado Espanhol nem o Serviço de Polícia Marítima Aérea e de Fronteiras (SPMAF) possuem dados estatísticos específicos sobre a população espanhola, e muitos menos sobre a parcela galega. Do arquivo onomástico do SPMAF só constam os dados relativos aos estrangeiros que requereram permanência definitiva ou temporária no Brasil após 1938, ano da regulamentação do Registro de Estrangeiros, mas não estão registradas as saídas nem os óbitos desses indivíduos<sup>(13)</sup>, o que impossibilita a obtenção de dados numéricos que possam delimitar a população<sup>(14)</sup> cujo comportamento lingüístico pretendemos investigar.

Segundo tudo indica, o grupo foi crescendo e se consolidando durante um século, aproximadamente, tomando como marco inicial provável 1861. Na década de 60 do século atual, o fluxo emigratório galego de um modo geral deu um giro de cento e oitenta graus na direção dos países do centro-norte europeu, estando hoje praticamente extinta a corrente de ultramar, o que é confirmado pela amostra da pesquisa sociológica referida, pois, dos 343 espanhóis entrevistados, escolhidos em função dos bairros onde residiam ou trabalhavam, só 6 chegaram no período 1960-1968, enquanto foram em número de 48 os entrevistados do período 1946-1950.

Se a mobilização do povo galego está diretamente determinada pela asfixia econômica permanente que a Galiza tem atravessado e pela conseqüente escassez de oferta de trabalho em função do crescimento demográfico da região, a eleição da Bahia como destino da migração prendeu-se para a maioria dos imigrados atuais (segundo se infere das declarações de muitos de nossos informantes) ao êxito relativo conseguido pelos primeiros que para aqui se dirigiram. De volta à aldeia de origem, ou através de relatos mais ou menos fantasiosos, ou pela situação econômica privilegiada que aparentavam e pelo prestígio social que passaram a desfrutar, conseguiam influenciar parentes, amigos e vizinhos, num raio de ação que ultrapassava às vezes os limites da própria aldeia. Para a Bahia destinaram-se predominantemente no período 1861-1919, segundo as fontes do Consulado referi-

(12) Cf. BRAGA, op. cit., p. 7-8.

(13) Todas essas informações nos foram prestadas pessoalmente por funcionários desse Serviço Federal.

(14) Consultado por nós em maio de 1978 o então Cônsul em exercício, Sr. Andrés Gutiérrez, nos informou que esse número já foi superior a 6.000 e hoje ele supõe estar acima de 5.000, dos quais 99% procederiam da Galiza. Na verdade, a tradição oral repete essa estimativa, que teria sido divulgada através da imprensa, após a medida de convocação de todos os espanhóis para o seu registro no Consulado, levada a cabo pelo então Cônsul, em 1920. Observe-se por outro lado que o que se pode inferir da procedência dos 343 componentes da amostra de BRAGA não está longe dessa estimativa: como já foi mencionando, 96,4% procediam da Galiza, dos quais 90,8% de Pontevedra. Cf. BRAGA, op. cit., p. 147, tab. III.

das na pesquisa citada, os galegos de cinco municípios da região centro-sul de Pontevedra: Fornelos de Montes, Ponte Caldelas, Pontevedra, A Lama e Pazos de Borbén, em número de 974 dentre os 1.416 espanhóis que se registraram no Consulado nesse período, com procedência declarada. A influência pessoal dos integrantes desses primeiros contingentes parece ter sido, pois, fator preponderante na escolha do ponto receptor dos grupos subseqüentes<sup>(15)</sup>.

Segundo depoimentos dos homens por nós entrevistados, não lhes foi fácil a adaptação<sup>(16)</sup> a este novo ambiente, principalmente no que se refere ao regime de trabalho imposto pela lei dos patrões, sem o descanso que a lei natural das atividades rurais lhes proporcionava na Galiza nem a situação privilegiada que desfrutavam naquela comunidade, onde lhes cabia sempre o melhor quinhão: "nas 'botadas' (ptg. tarefa de semear), a comida dos homens era melhor que a das mulheres", declarou-nos uma informante faixa 2<sup>(17)</sup>. Além disso, conforme outros informantes dessa faixa referiram, muitas tarefas do campo se executavam dentro de um sistema comunal em que se confundiam trabalho e diversão. Assim, descreveram-nos não só as "botadas", mas ainda a "esfolhada" (ptg. tarefa de desfolhar o milho) e a "fiada" (ptg. tarefa de fiar o linho ou a lã), tarefas que se cumpriam ritualmente acompanhadas de fartas comidas ou de brincadeiras e danças ao som das "cunchas" e "pandaretas"<sup>(18)</sup>. Ora, tem-se de convir que a mudança desse sistema de trabalho para o regime que lhes foi apresentado aqui teria sido provavelmente a causa principal da dificuldade de adaptação que experimentaram esses imigrantes.

Os que vieram no fim do século XIX ou começo do século XX contam que em geral um "patricio" lhes financiava a passagem que depois tinham de reembolsar. Quanto aos menores de idade, não havia nenhum impedimento legal para que viajassem e nenhum termo de compromisso era firmado pelos que se interessavam por suas vindas. Legalmente não tinham nenhum responsável, nem mesmo aqueles que, crianças ainda, aos 11 anos partiam para longe dos pais. O porto de saída era Vigo, onde embarcavam numa terceira classe, mal instalados e mal alimentados, mas nutridos de grandes esperanças e planos que pretendiam executar a curto prazo com vistas a um retorno próximo. Esse embarque, entretanto, era para quase todos o começo de uma vida de sacrifícios pois, ao chegarem à Bahia, caíam por terra as ilusões de enriquecimento fácil e conseqüentemente do retorno breve. Para muitos a sensação era de estarem escravizados.

(15) Cf. *ibid.*, p. 27.

(16) O termo "adaptação" está sendo usado no sentido que tem na língua comum, que, entretanto, se assemelha ao conceito sociológico "capacidade individual do imigrante no sentido de contornar situações geradoras de tensões ou conflitos psicológicos". *Ibid.*, p. 10.

(17) Os 40 informantes que constituem a amostra estão distribuídos igualmente quanto a 3 variáveis: sexo (homens e mulheres), idade de imigração (superior e inferior a 20 anos) e faixa etária (faixa 1, de 35 a 55 anos, e faixa 2, de 56 anos em diante).

(18) Para dados mais precisos sobre o trabalho comunal e os ritos que o envolvem, consulte-se o excelente trabalho de LISON TOLOSANA, Carmelo. *Moradas del vivir galaico*; antropologia cultural de Galicia. Madrid, Siglo XXI de España, 1971. p. 111-72.



Realmente, o regime de trabalho estava longe de ser considerado razoável. A maioria dos nossos informantes faixa 2 e alguns da faixa 1 aludiram a uma jornada de 15 horas — “da cama para o balcão e do balcão para a cama” — com direito a uma única folga por mês num domingo pela tarde, que não raro era usada apenas para descanso físico, principalmente por aqueles de compleição mais franzina. Na verdade, a possibilidade de lazer era praticamente nula para os recém-chegados<sup>(19)</sup>. Muitos se referiram ao impulso de voltar imediatamente, que só era controlado pelo impedimento de ordem econômica e a intransponibilidade do espaço físico que existe de permeio: “Eu, se pudesse ir caminhando, voltava imediatamente”. E não raros foram os homens que revelaram ter chorado constantemente nos primeiros meses: “só o travezeiro é que soube das minhas lágrimas”

A remuneração só era fixada após o primeiro ano de trabalho por ocasião do balanço da firma comercial e dependia de critérios pessoais do patrão, que podiam variar desde a avaliação da capacidade de trabalho do empregado até os vínculos de parentesco entre ambos. Além disso, todos os gastos, até os mais íntimos, eram controlados, e só lhe permitiam retirar da firma o que lhe era devido, nas seguintes situações: para remessa aos familiares na Galiza, para uma eventual viagem de visita à “terrinha”, pedido de demissão, ou aquisição do seu próprio ponto comercial, onde estabeleceria o mesmo regime de trabalho para ele e para os conterrâneos que chamaria para junto de si a fim de que o ajudassem a construir seu próprio patrimônio.

Interrogados sobre o que mais haviam estranhado ao chegar à Bahia, alguns não esconderam a reação de medo ou de repulsa que sentiram pela população negra da sociedade circundante. O imigrante galego, ao pretender iniciar suas atividades comerciais, escolhia para estabelecer-se pontos que oferecessem melhores perspectivas de êxito comercial, e entre esses estavam os bairros de grande densidade de população. Ora, em geral, aí se concentravam as pessoas de mais baixa renda, dos quais muitos eram ex-escravos, de atitudes e reações que os galegos não conseguiam entender, em primeiro lugar, porque quase nenhum deles havia visto um negro antes e, em segundo, porque a visão de negro que a cultura européia lhes incutira predispuha-os a esse impacto negativo.

No que se refere à mulher, segundo referência dos mais velhos do grupo, entre o fim do século passado e começo deste, algumas teriam ousado acompanhar seus maridos, mas teriam “estranhado o clima” e adoecido, o que as fez regressar. Segundo o que se supõe, a notícia desses casos teria desestimulado a vinda de muitas mulheres, para a companhia de seus maridos, nesse período.

Mas o fato é que a emigração para ultramar, de início, era uma

(19) Falamos de uma época anterior à implantação da Consolidação das Leis Trabalhistas de 1949, quando não havia limite estabelecido para a jornada de trabalho nem previsão de descanso semanal, nem muito menos férias remuneradas. Também ainda não havia restrições legais quanto ao número de empregados estrangeiros em cada estabelecimento comercial.

opção exclusivamente masculina. O objetivo de emigrar era fundamentalmente a busca de meios de sobrevivência para si e toda a família e, secundariamente, a obtenção de recursos que lhes garantissem a condição de proprietários de terras na Galiza, para onde sempre pretendiam retornar. Tratava-se, pois de uma emigração pretendida como temporária.

No caso das mulheres que entrevistamos, pode parecer surpreendente que a maioria declarasse ter-se adaptado logo de início sem grandes problemas, principalmente quando casadas. Mas ocorre que, ao chegarem à Bahia, em geral depois da década de 20, já encontravam um núcleo de conterrâneos, que começavam então a se fazer acompanhar das respectivas famílias. Assim, mesmo aquelas cujas atividades não se limitavam aos encargos estritamente familiares como, por exemplo, quando administravam a cozinha do alojamento dos empregados de seus maridos, gozavam de mais descanso do que tinham na Galiza. Lá, desde adolescente, a mulher desempenhava simultaneamente as tarefas domésticas e as da lavoura. Aqui, à seu encargo ficava a administração do pensionato dos empregados, em número variável de 5 a 10, entre galegos — a maior parte — e uma minoria de brasileiros<sup>(20)</sup>. Os empregados habitavam um cômodo anexo à residência dos patrões e faziam as refeições na mesma sala de almoço que estes, na mesma mesa ou em mesas sucessivas, estivessem ou não presentes os familiares dos patrões. Entretanto, a maior parte dos encargos relativos à cozinha dos empregados recaía, muitas vezes, sobre as empregadas domésticas, cujos serviços eram contratados por uma remuneração muito baixa e por isso acessível aos imigrantes. Isso permitia às mulheres poderem participar da prática da visita entre as patricias, o que atenuava o contraste entre a comunidade rural de onde provinham e a comunidade urbana de Salvador. Algumas mulheres do grupo experimentaram a labuta diária do balcão ao lado dos maridos. Talvez somente essas não tenham podido manter a prática da visita às outras mulheres do grupo.

Através da pergunta “O que achou de mais estranho aqui?” obtivemos respostas indicadoras de uma mais fácil adaptação por parte da mulher, do que do homem exceto de uma que veio solteira, com mais de 20 anos. Embora declarassem ter estranhado muito, a princípio, dois aspectos da comunidade baiana — a sujeira das feiras e a presença do homem preto, que lhes inspirava medo — parece não ter havido para elas conflitos psicológicos dignos de nota, como para os homens.

Era outra a situação da mulher. Veio acompanhando o marido. Não se cortaram inteiramente os laços de família. Se, por um lado, deixavam na aldeia de origem os pais, por outro lado, passavam a constituir na comunidade receptora um novo núcleo familiar. Como vimos, mesmo quando participavam como força de trabalho, faziam-no sem deixar o convívio da família. Trata-se realmente de uma situa-

(20) Ao entrar em vigor a *lei dos dois terços*, que obrigava os empregadores a admitirem o mínimo de dois terços de empregados nacionais, alterou-se, em parte, esta situação.

ção inteiramente oposta à dos homens, que aqui chegaram sozinhos

Em suma, o grupo em questão, visto como um todo, se caracterizava, pelo menos na primeira metade deste século, pelo isolamento em que se mantinha com relação à sociedade circundante: poucas relações sociais, quase sempre superficiais e em geral restritas aos vizinhos, que eram "boas pessoas, brasileiros, mas boas pessoas" e esporádicas relações com comerciantes não patricios. Inversamente, estreitavam-se as relações dentro do grupo. A fundação, em 1885, de uma sociedade de caráter beneficente — hoje denominada Real Sociedade Espanhola de Beneficência —, aberta exclusivamente para espanhóis e outros estrangeiros, refletia o compromisso de solidariedade entre os componentes do grupo. A vinda das mulheres tinha tornado freqüente o hábito da visita, e, com a fundação de um clube social, tacitamente fechado às famílias locais, em 1911, começaram a surgir pretextos para reuniões sociais que favoreciam as relações de interesse matrimonial entre membros do grupo. Por fim, criou-se em 1952 uma entidade, o Conselho Coordenador da Colônia, com a finalidade de "assumir a representação da coletividade espanhola" dentro de uma política de "boas relações com as autoridades e instituições locais", o que demonstra a preocupação de defesa do grupo em momentos de crise.

### III

#### DUAS FASES DISTINTAS DA IMIGRAÇÃO: O CARÁTER TEMPORÁRIO E DEFINITIVO

Parece-nos necessário para situar a atual população de imigrados galegos distinguir duas fases na migração Galiza-Bahia, distinção a que chegamos, pelo que ficou exposto no capítulo II, através dos dados colhidos ao longo das entrevistas:

1.<sup>a</sup> fase - 2.<sup>a</sup> metade do século XIX à década de 20 do século atual.

2.<sup>a</sup> fase - da década de 20 à de 60.

Na primeira fase, teriam vindo aqueles indivíduos, quase que exclusivamente do sexo masculino, os quais, no intuito de "fazer a América" no menor tempo possível, deixaram atrás, não só os pais — muitos, mais freqüentemente, a mãe viúva, solteira ou casada desacompanhada do marido — mas também a mulher e os filhos menores. A maioria dos integrantes desses primeiros contingentes experimentou na Bahia uma

vida cheia de dificuldades, mas, ao retornarem, aparentavam ter vivido uma experiência inteiramente oposta. A imagem estereotipada do "americano" é de indivíduo vestido em bons ternos de casimira inglesa e ostentando um volumoso anel de brilhante e o correntão de ouro de um relógio de bolso.

A *Gran Enciclopedia Gallega (GEG)* se refere aos emigrantes bem sucedidos, que, ao retornarem à terra natal, adquiriam terras, libertando assim a família do trabalho meeiro e passando de simples lavradores a proprietários<sup>(21)</sup>, enquanto outros, já pequenos proprietários, porém endividados, saldavam suas dívidas e ampliavam seus bens territoriais.<sup>(22)</sup> Segundo a tradição oral dos imigrantes da Bahia, entretanto, não houve no grupo nenhum caso de retornado que tivesse amealhado riqueza excepcional, mas há, em várias aldeias de onde procedem, a memória de um indivíduo que ficou conhecido como "o americano", emigrante retornado de qualquer ponto da América que, pela posição econômica privilegiada que alcançava, passava muitas vezes a exercer o poder na aldeia, numa atitude protecionista contra o jugo do poder central, como foi o caso, por exemplo, do Conde de Cabanelas, figura quase lendária das terras de Covelo de Antas, cujos feitos nos foram relatados por um informante. De um modo geral, os retornados da Bahia da primeira fase aplicavam o capital que retiravam em ações garantidas pelo governo central e em pequenas propriedades territoriais na própria aldeia.

Como já dissemos, o relativo sucesso dos emigrantes dessa primeira fase, caracterizada pela permanência temporária na Bahia, teria avivado o desejo de independência econômica nos jovens das gerações subsequentes. Alguns agora vinham dar continuidade a empreendimentos iniciados pelos pais. As mulheres começaram a demonstrar interesse de acompanhar os maridos e os filhos. Ao motivo fundamental da emigração, já agora acrescentar-se-ia um outro — manter firmes os laços familiares que se afrouxavam com o afastamento dos elementos masculinos. Ao mesmo tempo, novos contingentes chegavam, mas muitos dos seus integrantes já tinham um parente para recebê-los na Bahia.

O acompanhamento da família parece-nos, pois, um indício de mudança da disposição do emigrante com relação à sua permanência na comunidade receptora e o marco inicial da segunda fase da migração Galiza-Bahia, que se caracteriza por uma intenção, ainda que difusa, de permanência definitiva. Para isso não deve ter deixado de contribuir o pressentimento da aproximação de uma nova crise político-social no Velho Mundo, que realmente resultou na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Grande Guerra. A esperança de uma exis-

(21) Ser proprietário, nessa sociedade, era uma espécie de título de que se orgulhavam seus portadores. A posse da terra era uma categoria que classificava os indivíduos. Nos documentos oficiais, como certidões de nascimento, constava ao lado do estado civil dos pais e das testemunhas a sua situação em relação à terra: "maiores de idade, casados, proprietários".

(22) Cf. *GEG*, verbete *Americano*, v. 2, p. 49.

tência em clima de paz dava ao imigrante a segurança que lhe faltava na Galiza.

Somava-se a esses fatores, provavelmente, o fato de que a emigração em massa já fazia sentir seus efeitos na Galiza, escasseando a mão de obra barata dos "jornaleiros". Ao lado disso, desvalorizaram-se as terras, mas o barateamento resultante parece não ter atraído nem os retornados nem os habitantes locais, que preferiam avolumar os contingentes emigratórios para diversos destinos, agora com planos de uma permanência mais duradoura. Assim é que se deu um acentuado descenso populacional que transformou, principalmente durante o inverno, muitas dessas aldeias em ermos, que sofrem agora um repovoamento temporário a cada verão, graças às hordas de veranistas procedentes nas cidades vizinhas e de emigrados em viagem de férias.

Essa nova situação, ao lado de medidas governamentais em prol do reflorestamento do solo, revalorizou as propriedades territoriais, já agora livres dos foros, que hoje passam a ser de novo cobiçadas pelos retornados não só da América como de diversos países europeus.

Os retornados da Bahia, isto é, aqueles que voltaram em caráter definitivo, encontram-se dispersos nas diversas aldeias e nas duas principais cidades da província de Pontevedra, a capital do mesmo nome e Vigo, sendo, portanto, difícil de precisar o número. Trata-se, na maioria, ao que nos parece, de homens solteiros e casais sem filhos, mais idosos, que sofreram a atração da terra natal para o descanso da velhice. Nem sempre a aldeia de origem é o destino do retorno. Os poucos retornados que continuaram a exercer atividades economicamente produtivas, por ocasião do retorno se fixaram nas cidades e vilas próximas às suas aldeias, aonde vão periodicamente aos fins de semana, enquanto os homens solteiros aposentados preferiram fixar-se nas próprias aldeias quando ainda tinham familiares em condições de os acolher. Há, entretanto, idiosincrasias que revelam um apego desmedido à terra natal, capaz de levá-los a sacrificar todo tipo de conforto que sua situação econômica lhes poderia permitir na cidade em troca de continuar vivendo no meio de sua gente, como são os casos de duas informantes da pesquisa preliminar que realizamos na Galiza em janeiro-fevereiro de 1978. Há ainda indivíduos que não podem ser considerados retornados porque apresentam uma modalidade de retorno especial. Embora tenham fixado residência numa cidade ou aldeia de Pontevedra, ainda mantêm em Salvador vínculos de ordem econômica que os obrigam a uma vinda periódica e os impedem de concluir o processo do retorno à Galiza.

Por outro lado, há em Salvador, entre os galegos em melhores condições financeiras, um tipo de comportamento que parece caracterizar uma fase ainda intermediária do processo de assimilação sócio-cultural do grupo: são famílias que mantêm uma casa na aldeia ou um apartamento numa das cidades acima citadas, para onde se deslocam por turnos durante cada verão europeu. Para eles, mais afortunados, se concretiza o desejo de reatar os vínculos com a terra de origem que

de certo modo está presente nas aspirações de quase todos os componentes do grupo.

No caso da amostra com que trabalhamos, por exemplo, só 7 informantes, faixa 2, dentre os 40 inquiridos, se declararam sem vontade de voltar, quando do preenchimento da ficha do informante. Mas alguns deles apresentaram motivos que nos levaram a inferir de suas declarações tratar-se de casos de real impossibilidade, uma vez que os motivos alegados foram problemas de ordem financeira ou decorrentes da idade mais avançada. Dos que demonstraram vontade de voltar, somente um informante declarou já ter planos para fazê-lo em caráter definitivo<sup>(23)</sup>, e os 32 restantes expressaram apenas o seu desejo de fazer uma visita à terra, 11 com data prevista para a viagem e 21 sem nenhuma previsão, por impedimento de ordem econômica ou familiar, que pode, entretanto, ser superado futuramente.

Como resposta à questão 22 do questionário-roteiro II que aplicamos ligeiramente reformulada, "Se voltasse a morar na Espanha, se nada o impedisse de fazê-lo, que lugar ia preferir?", a grande maioria, indistintamente das duas faixas etárias, demonstrou preferência pela aldeia, e um pequeno número, também das duas faixas, disse preferir a cidade para o inverno e a aldeia no verão.

Esses resultados parecem refletir a situação real do grupo atual. Os emigrados galegos, já radicados aqui, com filhos e, às vezes, netos integrados na comunidade baiana, não conseguem ocultar os laços que ainda os prendem a terra natal, mas já atendem com prioridade aos compromissos contraídos na sociedade receptora.

#### IV A IMAGEM DO GALEGO NA COMUNIDADE

O dicionário de Caldas Aulete registra diversos valores semânticos que o nome *galego* incorporou através dos tempos, secundando o conteúdo básico do adjetivo, isto é, "relativo à Galiza"<sup>(24)</sup>. Cumpre notar que quase todas as acepções registradas são de conteúdo depreciativo.

<sup>(23)</sup> Trata-se de um indivíduo homem, faixa 1, casado com uma componente do grupo de segunda geração, sem filhos.

<sup>(24)</sup> Cf. AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro, Delta, 1964. v. 3, p. 1887.

As acepções documentadas do português europeu denotam, ou melhor, conotam o desprestígio social do povo galego na perspectiva de seus vizinhos, os portugueses. Como brasileirismo, o uso depreciativo para designar *português* demonstra a mudança semântica que no caso se teria produzido, ironicamente, com a identificação dos tipos do imigrante galego e do português, que o uso europeu distinguira antagonicamente. Mas é o uso brasileiro da locução adverbial *à galega* "à bruta" que apresenta nessa relação o valor semântico mais próximo do emprego conotativo do substantivo gentilício *galego*, conforme parece ter sido usado pelos baianos da camada social mais favorecida de, pelo menos, trinta anos atrás.

Como na Bahia, no início, isto é, no período que estamos designando de primeira fase, o grupo desenvolveu predominantemente atividades comerciais no ramo de secos e molhados, *galego* tinha como referente o indivíduo que passava a maior parte de seu tempo detrás de um balcão e no fundo de improvisados estabelecimentos comerciais chamados de vendas. Pálidos, em consequência da vida confinada que levavam, vestindo em geral roupas surradas, calçados num par de tamancos, sempre movidos por um profundo e arraigado senso de economia,<sup>(25)</sup> os primeiros galegos forneceram aos habitantes locais os elementos que passaram a delinear a imagem estereotipada do *galego* — um indivíduo avaro, visando a lucros cada vez maiores através do seu empenho no trabalho diário, para o qual não poupava nem o próprio corpo.

Vender fiado era um costume institucionalizado para o comércio varejista de secos e molhados e gerava por ocasião da cobrança uma forte tensão entre os membros das duas comunidades. É o que se pode depreender, numa situação inversa, da impressão causada a um de nossos informantes, que revelou: "O freguês quando vinha comprar fiado falava educado, mas quando comprava à vista era, "filho disto, filho daquilo", "me dá uma cachaça aí p'ra abrir o corpo". Ora, o ato da cobrança, que o comerciante efetuava com certo rigor, certamente contribuiu para a imagem desfavorável que se formou do galego na Bahia.

Essa imagem se bifurcava conforme a ótica do baiano. Por uns, os de posição social considerada mais elevada, o galego era visto como um indivíduo de pouca instrução, um *bruto*, enquanto pelos que lhe eram subalternos era tido como esperto, sabido. De todo modo, tratava-se de um elemento estranho à comunidade que o abrigava e que lhe oferecia os meios de prosperar financeiramente. Essa prosperidade era vista de maneira hostil pelo elemento receptor.

(25) A descrição que fazemos baseia-se na visão impressionista dessa realidade. Alguns episódios que presenciemos são indício da imagem negativa do galego que se teria cristalizado no consenso da comunidade baiana: 1) a reação de uma amiga nossa ao ouvir chamar nossos pais de galegos foi de indignação no mais alto grau, porque, explicou depois, não os identificava com a imagem de *galego* que ela fazia — "uns brutos, ignorantes"; 2) discussões em que se empenhavam alguns galegos para que se extinguisse o clube esportivo Galicia, em cujas partidas eles sempre eram ofendidos.

Nos meios femininos da vizinhança, nos bairros onde estavam estabelecidos, os galegos representavam em geral "um bom partido" e o relacionamento entre a mulher baiana e o homem galego variava desde o compromisso de um simples namoro até as relações de concubinato, estas mais freqüentes com mulheres de origem humilde. Apesar disso, o tipo de mulher idealizado, certamente por condicionamento social, era o da que tinha ficado na aldeia galega, conforme pudemos depreender dos próprios relatos e atitudes de nossos informantes: um contou-nos que, ao perceber que o namoro era bem aceito pela família da moça, "desistiu porque só queria passar o tempo", teve várias namoradas aqui, mas "de passar quinze dias, um mês ou dois meses e largar, p'ra passar tempo mesmo". Trata-se de um indivíduo que casou posteriormente com uma mulher galega como, aliás, fez a grande maioria dos imigrados que hoje estão na faixa de mais de 55 anos. Houve, na realidade, inúmeros casos de compromissos rompidos bruscamente, sem motivos aparentes, quando de uma viagem a Espanha, em alguns casos viagem realizada por pressões familiares. Assim se, por um lado, o relacionamento mulher baiana — homem galego atenuava as tensões entre os dois grupos, esses desfechos pesavam desfavoravelmente para o conceito de *galego* que se tornava na comunidade circundante.

Ora, por trás desse comportamento, escondia-se o estrangeiro saudos que, vivendo distante de sua terra, tinha-a sempre presente no pensamento por ter ficado lá a sua gente. Por outro lado, como as condições de trabalho não lhe ofereciam muitas oportunidades de lazer, faltavam-lhe as circunstâncias favoráveis para integrar-se na comunidade local. Isso conseqüentemente o fazia voltar-se para dentro do próprio grupo, que se tornava cada vez mais coeso e fechado aos membros da sociedade circundante, gerando uma disposição hostil por parte desta, que só se viria a dissipar através do convívio mais harmonioso que se desenvolveu com a segunda e terceira gerações.

Assim sendo, a alcunha de *galego*, que alternou durante algum tempo com a de *espanhol*, não se estendeu aos descendentes dos imigrantes, tendo o próprio nome *galego* perdido o traço de "depreciativo" na fala local da geração mais jovem<sup>(26)</sup>, para o que teria contribuído também, entre outros fatores, as mudanças que sofreram as relações de trabalho na sociedade receptora.

(26) Interrogamos estudantes secundaristas, a quem ocasionalmente dávamos carona, sobre o significado que atribuíam à palavra *galego*, e as respostas obtidas justificam esta interpretação pois, para muitos, *galego* era por exemplo, uma criança loura, acepção usual no Nordeste, que se aproxima das acepções documentadas na carta 86 do Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS): "bem avermelhado, a cor de lavareda de fogo" e "vermelho, de cabelo branco". O ALS tem a coordenação de Nelson Rossi e os originais já foram entregues para publicação.

## V CRENÇAS CULTURAIS

O grupo cuja história e comportamento social tentamos resumir nestas páginas se autodenominou *colônia espanhola* e assim passou a ser identificado pela comunidade receptora apesar de o número de espanhóis não galegos ter sido sempre muito reduzido na Bahia.

Os nomes com que batizaram as suas principais associações — Sanatório Espanhol (Real Sociedade Espanhola de Beneficência) Centro C. R. Espanhol e posteriormente o Centro Coordenador da Colônia (espanhola, subentende-se) — parecem revelar o sentimento da nacionalidade que a consciência coletiva do grupo assumiu, ou seja, a espanhola.

Não pudemos nos furtar ao confronto desta realidade com a de outros núcleos de imigração galega. Em Montevideu, Havana, Buenos Aires, México e até mesmo em São Paulo, as associações aí fundadas pelos imigrantes galegos, num período que vai de 1879 a 1955 se distribuem sob duas denominações principais: Centro Gallego e Casa de Galícia<sup>(27)</sup>.

Na Bahia, não sabemos se como meio de defesa contra o conceito depreciativo que a população associava ao termo *galego* ou se para encobrir o estigma que tinham trazido da Península Ibérica em forma de sentimento de inferioridade étnica que lhes havia sido incutido paralelamente ao da nacionalidade espanhola desde a infância. O fato é que somente uma agremiação, o Esporte Clube Galícia, fundado em 1933, expressa por meio de sua denominação o vínculo com a verdadeira origem étnico-cultural do grupo<sup>(28)</sup>. Essa denominação do clube esportivo, e mesmo sua fundação, não parece, porém, ter resultado de um consenso da população, pois encontrou sempre forte oposição por parte de alguns, sob a alegação de que o clube gerava pretextos para manifestações hostis contra os imigrantes, por ocasião das partidas de futebol que o time disputava. Uma outra associação que tem expresso no nome o seu vínculo com a Galiza é o Centro de Estudos Galegos, de criação muito recente (1975), que pretende reunir estudiosos da cultura galega. Surge, entretanto, como reflexo de um momento histórico, vivido na Espanha, de retorno ao pluralismo cultural, paralelamente à concessão de autonomia às regiões culturalmente diversificadas que compõem o Estado Espanhol, entre as quais se situa a Galiza.

(27) Segundo a opinião de um estudioso de emigração espanhola, Dr. José Carreiro Oubinha, que consultamos a respeito, a indicação da procedência real do grupo nessas denominações prende-se à existência, nesses núcleos, de imigrantes espanhóis de outras procedências que não da Galiza, tornando-se necessário expressar essa procedência para distingui-la de outras.

(28) Tinha existido anteriormente o Ibérico Esporte Clube, que foi absorvido pelo Centro C. R. Espanhol. Informação fornecida por José Carreiro Oubinha, que desempenha no grupo as funções de repositório de sua cultura.

Parece-nos que a divulgação — agora aberta, permitida é por isso de maior amplitude — dos movimentos culturais galegos teria cruzado o Atlântico e dado origem à fundação dessa entidade, como um eco do ato de reconhecimento oficial das diversas nações<sup>(29)</sup> que integram o Estado Espanhol.

Voltando ao confronto da atuação cultural deste núcleo de imigrantes galegos com os de outros pontos da América, o de Buenos Aires, por exemplo, verifica-se uma extrema disparidade de atitudes culturais, em que pese a diversidade do tamanho da população — em 1970 cerca de 400.000 galegos, segundo cálculos que a *GEG* apresenta, viviam em Buenos Aires, enquanto na Bahia o número parece nunca ter ultrapassado os 6.000. O que pretendemos salienta, entretanto, é que o núcleo de galegos de Buenos Aires nunca perdeu a sua consciência étnico-cultural, a julgar por todos os movimentos culturais galegos — e até mesmo políticos — que aí tiveram lugar, principalmente quando, no período de 1936 a 1960 aproximadamente, em pleno vigor do regime ditatorial franquista, Buenos Aires se constituiu num autêntico foco de resistência cultural galega<sup>(30)</sup>.

Ao invés disso, na Bahia, as raras manifestações culturais sempre foram filiadas à cultura hispânica *lato sensu*, desde a fundação de uma Sociedade Artística com Orfeón, origem do atual Centro Cultural e Recreativo Espanhol, até as dramatizações de peças teatrais de expressão castelhana, as "zarzuelas" e as apresentações de coros e danças<sup>(31)</sup>, algumas vezes realizadas como atração das chamadas festas típicas, que representam, ao nosso ver, as poucas manifestações vinculadas às reais experiências culturais do grupo.

Assim, de um modo geral, a expressão cultural do grupo dá margem a uma interpretação do predomínio da crença de que são culturalmente vinculados, não à comunidade galega, mas à sociedade hispânica, cujos valores lhes teriam sido impostos, na infância, através da instituição escolar e, mais tarde, reforçados pela doutrinação que alguns receberam através da instituição do exército, durante o cumprimento do Serviço Militar — predominantemente fora da Galiza. São esses os membros do grupo que demonstram haver assimilado de modo mais arraigado os ideais do Estado Espanhol.

Mas, apesar dessa política de uniformização ideológica e cultural a que foram submetidos, subsistem ainda as características étnico-culturais galaicas, que se revelam não só através da "morriña", isto é, as evocações saudosistas de suas aldeias, de seus costumes, de sua

(29) Adotamos o conceito de *nação* apresentado na Enciclopédia Mirador Internacional: "comunidades naturais de homens, reunidos num mesmo território, possuindo em comum a origem, os costumes e a língua, e conscientes desses fatos". Cf. *ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL*, v. 15, p. 7995.

(30) Todas as informações sobre a imigração galega em Buenos Aires foram colhidas na *GEG*, v. 4, p. 68-9.

(31) Cumpre salientar que, na maioria das vezes, os organizadores dessas manifestações eram espanhóis procedentes de outras regiões, como foi o caso de D. Gervásio G. Laborda, procedente de Zaragosa, e de seu filho Aurélio Laborda, que incentivaram a divulgação da música e do teatro espanhol.

tradição enfim, mas também na prática ritual de algumas manifestações características, como a da comensalidade,<sup>(32)</sup> que se perpetua nas reuniões gastronômicas promovidas hoje em dia por segmentos dessa população, formados pelos procedentes de uma mesma aldeia. É quando ainda se ouve o som da gáita de fole, tradição que uma minoria preserva, numa atitude singular dentro do grupo.

Parece-nos fazer-se necessário, pois, um estudo específico sobre o comportamento cultural do grupo e os fatores que teriam causado a ruptura do sentimento da nacionalidade galega. O único que nos parece possível afirmar é que, embora estejam subjacentes no grupo os traços étnicos e de tradição comum de cultura, a consciência deles teria sido perdida, impedindo, assim, o reconhecimento da própria identidade e favorecendo a conservação do estado de submissão à ideologia dominante, posição que adotaram quando campesinos da Galiza e que não se alterou ao longo de sua experiência como emigrados.

Todos estes aspectos aqui abordados visam a introduzir a questão das crenças lingüísticas reveladas pela amostra da população e que se insere neste âmbito mais amplo das crenças culturais.

### Crenças Lingüísticas

Para complementar esta notícia sobre a população galega, abordaremos aqui a partir dos dados recolhidos na amostra e do conhecimento da história do grupo, as suas "crenças lingüísticas", isto é, os valores ou opiniões que emitem sobre o próprio desempenho lingüístico ou de outrem, os quais podem ser julgamentos individuais ou estereótipos da comunidade lingüística a que pertence o falante<sup>(33)</sup>.

Embora nos interesse particularmente o contacto lingüístico do galego-português na Bahia, não podemos ignorar o contacto que todos os indivíduos de nossa amostra, sem exceção, experimentaram anteriormente, o contacto galego-castelhano, que pelas características que possui — vernáculo-língua oficial — parece ter imprimido marcas profundas na consciência lingüística desses falantes<sup>(34)</sup>.

Em virtude dessa situação mais complexa, temos de distinguir as crenças relativas a uma dupla realidade lingüística — a experimentada na Galiza antes da emigração e a vivida na Bahia como de um grupo minoritário de imigrados.

(32) Cf. LISON TOLOSANA, op. cit., p. 123-172.

(33) Cf. RONA, J. Pedro. La concepción estructural de la sociolingüista. In: GARVIN & LASTRA DE SUAREZ, orgs. *Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística*. Mexico. UNAM, 1974, p. 203-16.

(34) Acaba de chegar-nos às mãos um trabalho de Emilio Montero Cartelle que investiga a questão do nome da língua oficial da Espanha, tema que voltou à baila por ocasião do estabelecimento do texto da Constituição Espanhola de 1978. Através dele tomamos conhecimento de que, segundo estudo feito por F. González Ollé, até a Constituição de 1931 "no hay disposición legislativa alguna que promulgue la oficialidad del Castellano. (...) que su oficialidad es hasta el siglo XX más de consenso general que de disposiciones legales", MONTERO CARTELLE, Emilio. Castellano o español a la luz de la Constitución. *Senara; Revista de Filología*. 1:231-51. 1979.

A respeito das crenças e hábitos lingüísticos que se relacionam com o contacto anteriormente experimentado, sempre testemunhamos opiniões que poderiam estar contidas nestas declarações auto-recriminatórias de alguns componentes de nossa amostra: "o espanhol chega aqui e logo fala português", disse um; "infelizmente sempre se falou a língua portuguesa, uma coisa que eu acho horrível", pareceu desabafar outro; "os galegos são diferentes de outros estrangeiros que ensinam as suas línguas aos filhos, e os galegos não ensinam o espanhol (aos seus)", completa outro. (Observe-se a contradição expressa nos termos grifados).

De posse desses depoimentos espontâneos e ocasionais colhidos ao longo dos inquéritos realizados, observemos agora o resultado da aplicação da questão 28, que constitui dados numéricos de respostas dadas a uma pergunta intencionalmente dirigida para compor o quadro de crenças lingüísticas da amostra: "Que tal seus filhos aprenderem galego?" ou reformulada: "Se seus filhos fossem à Espanha, você ia preferir que eles aprendessem galego ou castelhano?"

De 28 informantes a que foi aplicada essa questão,<sup>(35)</sup> 21 declararam, ou se pôde inferir de suas respostas, que prefeririam que seus filhos aprendessem castelhano. Dos 7 restantes, 3 se mostraram indiferentes à escolha e 4 demonstraram preferir que os filhos aprendessem galego, dos quais somente 2 o fizeram, revelando uma consciência étnico-cultural. Dos 21 que gostariam que os filhos aprendessem castelhano, somente 8, de algum modo, emprenderam tentativas nesse sentido, em geral aproveitando a oportunidade de uma ida à Galiza, onde matricularam os filhos nas escolas públicas de seus municípios ou em escolas particulares das cidades de Vigo ou Pontevedra. Mas o processo de aprendizagem foi sempre interrompido ou porque a professora da escola da Bahia aconselhava (2 casos) ou porque "não dava jeito falar em castelhano com quem sabe falar português" (1 caso), ou enfim porque, como se pode inferir de outras declarações, falar castelhano exige para os componentes desse grupo um esforço que é incompatível com a comunicação a nível familiar: "Na cidade esforço-me p'ra falar castelhano", disse um; "nas cidades falava em castelhano, procurava falar o mais que podia, mas às vezes me via muito mal, duas, três palavras em castelhano, tinha que botar uma em brasileiro", declarou a informante de nossa amostra que apresenta a menor duração de contacto galego-português na Bahia.

Na verdade, nenhum informante declarou, e, portanto, nenhum crê, que tenha falado galego com seus filhos<sup>(36)</sup>. Por outro lado, até onde saibamos, nunca se cogitou nessa comunidade em promover cursos de galego. Entretanto, com relação ao castelhano, houve algumas tentativas de institucionalizar o seu ensino. Na década de 30 consta

(35) Aos 12 informantes restantes a pergunta ou não foi aplicada porque não tinham filhos e não nos pareceu oportuna ou, se aplicada, a sua resposta não foi registrada através da gravação magnetofônica nem anotada pelo documentador.

(36) Só sabemos de um caso de imigrante que tenha conservado o galego conscientemente para a comunicação familiar na Bahia: uma de nossas informantes dos inquéritos preliminares na Galiza.

ter existido uma escola de freiras espanholas que desenvolviam um programa de instrução primária em castelhano. Posteriormente, o Centro Cultural e Recreativo Espanhol promoveu cursos noturnos de língua espanhola para os associados, e atualmente, depois de extinto o Instituto de Cultura Hispânica da Universidade Federal da Bahia (ICHUB), foi a Sociedade de Caballeros de Santiago, fundada em 1960, que assumiu a difusão da língua oficial da Espanha através de cursos livres, destinados não só aos seus sócios mas a qualquer indivíduo da comunidade baiana.

Como se vê, pelas mesmas razões por que essa população se crê integrante da cultura dominante de Castela, também acreditam os seus componentes num compromisso lingüístico com o castelhano, que passa a ser sob essa perspectiva "o espanhol que todo espanhol deve aprender e falar", pois assim lhes disseram na escola. Na Galiza, ao lado do excelsamento do castelhano, sofreram as pressões do etnocentrismo de seus professores, que menosprezavam o vernáculo de seus alunos, conforme demonstra este trecho de um depoimento de L. D. Segurde, em *A Nossa Terra* n.º 5:<sup>(37)</sup>

*Os mestres que xeralmente non son da nosa terra, desconocen a nosa fala, aborrécena, e fan que os nenos, que por eles se guían, vaian pouco a pouco esquecéndoa, mi-rándoa como um languaxe despreziable.*

Sendo os imigrados da Bahia fruto desse processo de esmagamento cultural, não nos podem surpreender as opiniões que emitem sobre o vernáculo, às vezes tão instáveis quanto a deste informante, ao ser interrogado sobre se gostaria de que seus filhos aprendessem galego. "Não tolero galego. O castelhano sim, é tão bonito! Mas, como lhe chamássemos atenção para o aspecto "meigo" do galego nas expressões de carinho, pareceu aquiescer: "O galego é muito meigo... mas tem gente que acha bruto".

Assim, parece explicar-se que, ao se transplantarem para um ambiente distante, tenham querido apagar todo vestígio do estigma com que o galego foi marcado pela cultura dominante, tentando assumir perante a comunidade receptora uma nacionalidade mais prestigiada, a que a situação político-administrativa da Península Ibérica os autorizava, e uma língua de cultura internacionalmente prestigiada, que presumiam dever garantir para seus filhos.

Quanto às crenças que o grupo exterioriza sobre o contacto galego-português, apresentamos alguns dados quantitativos de nossa amostra. Dos 36 informantes que responderam à pergunta 14b, "Que língua sua mulher/seu marido falava em casa (com você)?", ou adaptada para os solteiros, "Que língua se falava na 'república' onde você morou", 2 responderam de modo vago: "a mesma que falo hoje"; 2 informantes mulheres declararam falar espanhol, mas uma delas disse que o marido, mesmo com ela, só usava português; 9 declararam falar no início

<sup>(37)</sup> Cf. GEG. verbete *Educación*, v. 9, p. 227.

galego: 11 — que parece terem consciência de um comportamento típico do contacto — declararam falar uma "mistura" ou "salada mista"; mas 11 outros supõem que falaram português desde o início do contacto.

Uma destas últimas respostas ilustra de modo especial um estereotipo difundido entre essa população e merece ser transcrita na íntegra: "Todos os empregados da república eram espanhóis. Falavam o português, português mesmo. So fala[ba]mos português" resposta muito elucidativa da necessidade de uma cautela especial em pesquisas de sociolingüística e que nos faz recordar José Pedro Rona quando afirma em *La concepción estructural de la sociolingüística*:

*...en sociolingüística muy raras veces podemos creerles a nuestros informantes<sup>(38)</sup>.*

Conforme se pode verificar pela resposta acima, esse informante revela a crença de estar falando português, que resulta falsa, quando observamos os traços lingüísticos do galego presentes na emissão de sua resposta.

Entretanto, nem sempre resulta falsa a crença do falante, evidentemente, pois há os que conseguem conscientizar a sua realidade lingüística. Os outros, porém, são o testemunho dos preconceitos que carregam os falantes das línguas socialmente desprestigiadas

## VI CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-CULTURAL DA POPULAÇÃO

As informações recolhidas sobre a população galega na Bahia levou-nos ao estabelecimento do seguinte quadro sócio-cultural:

### Procedência

O maior contingente provém da província de Pontevedra e de alguns municípios das outras províncias galegas limítrofes com Pontevedra, principalmente de Ourense. São, na maioria, indivíduos oriundos de comunidades rurais — aldeias e vilas — onde se dedicavam predominantemente a atividades agrícolas, organizados num tipo de sociedade que conserva, quanto a sua base econômica, muitas características próprias das sociedades camponesas.

<sup>(38)</sup> RONA, op. cit., p. 215.

## Destino

Ao chegarem a Salvador, uma comunidade predominantemente urbana, passam a dedicar-se de início a atividades quase que exclusivamente comerciais, expandindo-se depois para outros setores de atividades, próprias de uma sociedade organizada sobre bases capitalistas.

## Tipo de Migração

O processo de migração em que se envolvem não tem vínculos oficiais com nenhum dos dois países, podendo quanto a esse aspecto, principalmente da perspectiva do país receptor, ser classificado de migração "espontânea". Quanto ao país de origem, havia uma série de fatores sócio-econômicos que compelia seus habitantes à emigração.

## Tipo de Contacto

A ausência de compromissos para com o país receptor, dá ao imigrante galego que adquire certa independência econômica uma condição especial de trânsito livre, ou para fazer viagens de visita a sua terra, à qual se sente inevitavelmente ligado, ou para decidir por um retorno definitivo, que não deve ser confundido com a repatriação. Assim sendo, trata-se, para a grande maioria, de um contacto de tipo intermitente, havendo, em menor número, representantes do contacto contínuo.

## Sexo, idade da imigração e atividade predominante

O contingente é formado de homens e mulheres cuja migração se caracteriza por situações, em geral, diversas: os homens chegaram a Salvador, na sua maioria, com idade inferior a 20 anos e solteiros, enquanto as mulheres vieram com mais de 20 anos, casadas, acompanhando seus maridos ou a chamado deles. Estes, em geral, casaram-se durante uma de suas viagens de visita à família e à terra, embora já se tivessem trasladado para Salvador, alguns deles, desde os 11 anos.

Uma característica em geral relacionada ao sexo é a ocupação predominante. Enquanto os homens na quase totalidade se dedicam a atividades comerciais, as mulheres se ocupam, na sua maior parte, apenas de trabalhos caseiros. Em número mais reduzido, algumas exercem atividades comerciais ao lado do marido, havendo muito poucas que se dedicam a uma ocupação independente, na maioria das vezes, a de costureira.

## Escolaridade na Galiza

O grupo parece estar distribuído em duas diferentes situações conforme o grau de escolaridade alcançado na Galiza: a quase totalidade dos aqui chegados até a primeira metade do século XX não

apresentava um nível de escolaridade além do primário, mas a partir de então o grupo parece ter-se tornado mais diversificado, no sentido de nível mais alto de escolarização.

## Escolaridade em Salvador

O mesmo se poderia afirmar quanto à escolaridade após a imigração: o grupo parece apresentar-se igualmente dividido com relação à época de chegada, e podemos estabelecer, do mesmo modo, como marco aproximado para essa divisão, o fim da primeira metade deste século. Os chegados até então não frequentavam nenhuma espécie de curso em Salvador, salvo raríssimas exceções. Entretanto, a partir dessa época modificaram-se as condições de trabalho, permitindo, e muitas vezes exigindo do imigrante, a frequência a cursos regulares de ordem diversa.

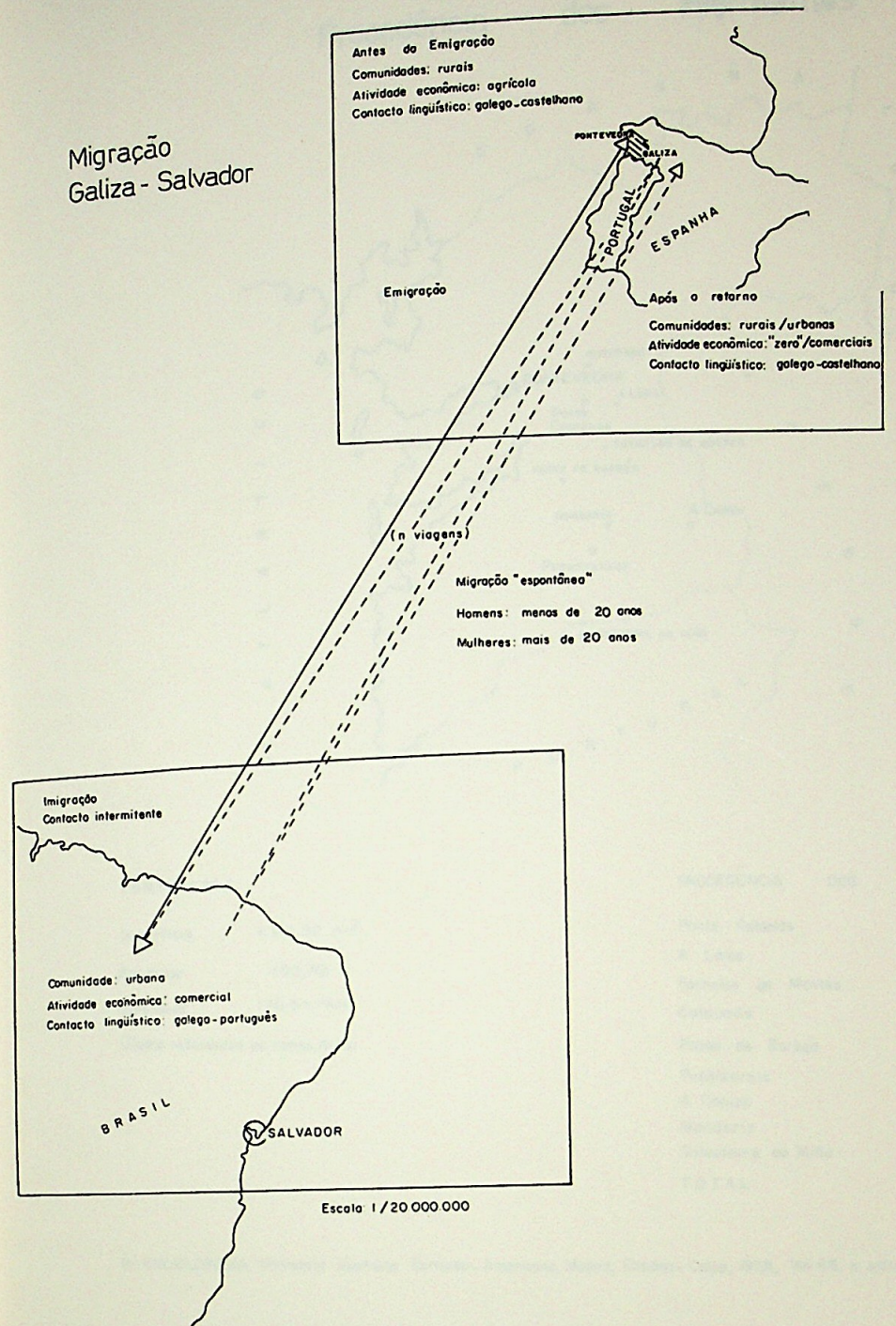
## Situação Lingüística

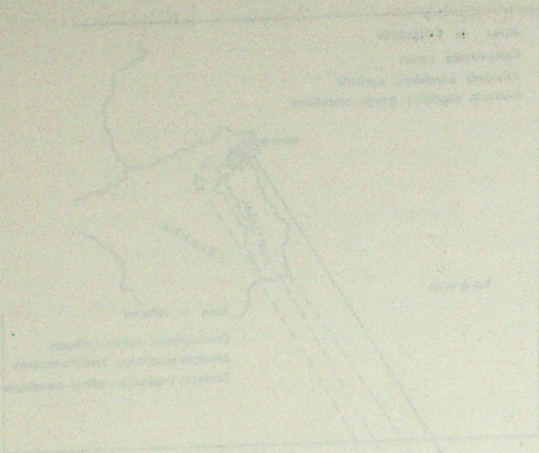
A totalidade desses imigrantes experimentou na Galiza, em graus de intensidade diversos, o contacto lingüístico entre o seu vernáculo — o galego — e a língua oficial, a que eles em geral se referem como o castelhano<sup>(39)</sup> e que lhes foi transmitida pela escola como uma imposição da política centralista do governo espanhol. Desde suas primeiras saídas da aldeia, quando das idas mais ou menos regulares à cidade próxima, começam a se sentir estranhos, embora dentro de seu próprio país, pela barreira que lhes impõem à sua expressão lingüística os habitantes urbanos, nascidos na Galiza como eles, porém mais castelhanizados. Ao emigrarem para outras terras de língua e cultura mais distanciadas, para buscar os meios de sobrevivência econômica, se lhes apresentam novas e maiores dificuldades de comunicação e convívio, que procuram vencer ajustando-se a um processo de aculturação contínuo, mas lento. Torna-se imperioso adaptar-se lingüística-mente, conforme está expresso no provérbio popular galego citado por alguns dos informantes da pesquisa: "Na terra dos lobos hai que ousar coma eles".

(39) Por uma questão de fidelidade a expressão predominante no grupo para designar a língua oficial da Espanha, nós também nos referiremos sempre a ela como o *castelhano*. Nos inquiridos, de 38 informantes que responderam acerca da língua que falavam na escola da Galiza, somente 3 usaram o nome *espanhol* e 1 desses usou-o com referência ao galego. A Constituição Espanhola de 1978, segundo E. Montero Cartelle, citado na nota 33 deste artigo, oficializou a denominação *castelhano*. Cf. MONTERO CARTELLE, op. cit. p. 233.



# Migração Galiza - Salvador



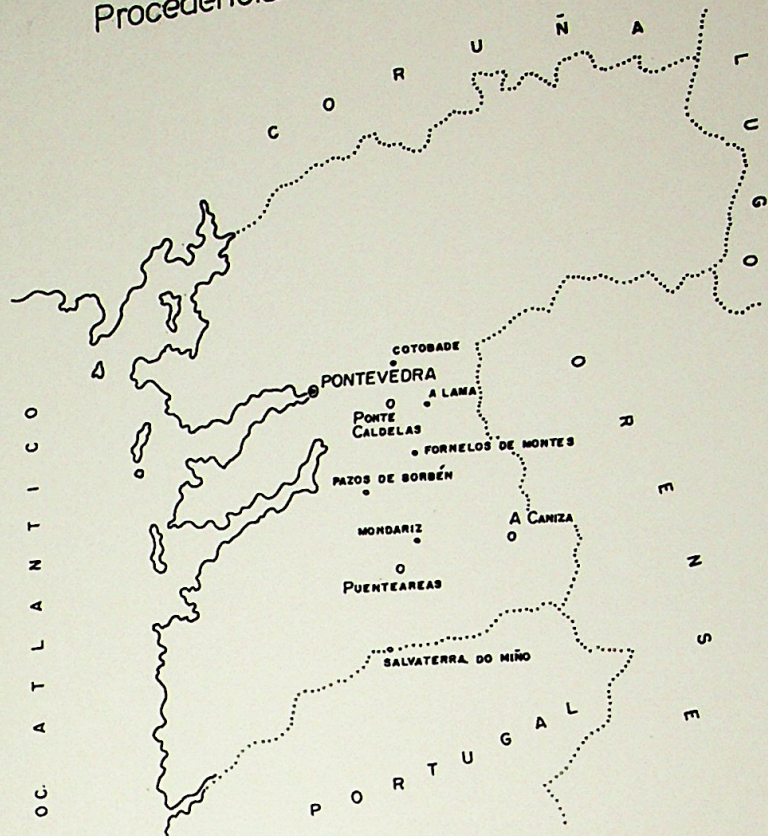


Galiza - Galicia  
08961014



08961014

Procedência dos Informantes



PONTEVEDRA

Superficie 4.391,32 Km<sup>2</sup>  
 População 750,701 H.  
 Densidade 170,9 h / Km<sup>2</sup>

(Dados referentes ao censo 1970)

PROCEDÊNCIA DOS INFORMANTES

Ponte Caldelas	12
A Lama	9
Fornelos de Montes	6
Cotobade	4
Pazos de Borbén	3
Puenteareas	3
A Caniza	1
Mondariz	1
Salvaterra do Miño	1
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>



Diretora da CEB — Profa. Consuelo Pondé de Sena

